

Adivinhite, uma nova bactéria contamina boletins médicos

Wilson da Costa Bueno

Com certeza, os leitores do *Jornal da Tarde* ficaram surpresos naquela manhã de terça-feira, dia 26 de março de 1985.

O Presidente, exatamente naquele momento, estava sendo operado pela terceira vez e sua saúde atravessava a pior crise desde o fatídico 14 de março.

O que havia acontecido com o jornal? Ou melhor, o que havia acontecido com toda a imprensa brasileira que seguia o mesmo tom do *Jornal da Tarde* e preconizava, inclusive, a posse de Tancredo Neves para daí a três dias ("TANCREDO PODE TOMAR POSSE NA SEXTA" — *O Estado de S. Paulo*)?

O desencontro entre o noticiário da imprensa e a realidade não se restringiu, no entanto, àquela terça-feira e chegou a se aprofundar tanto, que a credibilidade dos jornais foi posta em risco.

A imprensa certamente não havia mentido voluntariamente. Pior: estava mal-informada e contribuía para aumentar o festival de boatos que percorria todo o país (câncer no intestino, tiro?).

Preocupados em dar todas as informações aos seus leitores e envolvidos com a própria cobertura (afinal de contas, cada jornalista é, antes de tudo, um cidadão), os profissionais de imprensa não hesitaram em "pôr os carros à frente dos bois".

Porque não dispunham de maiores informações e porque não estavam preparados para uma "cobertura de emergência", os jornalistas adiantaram-se aos fatos.

A porta do Instituto do Coração, esbarrando em clínicos gerais, cardiologistas, anestesistas, monitores e boletins do Antônio Britto, os jornalistas resolveram fazer um curso intensivo de medicina.

Nunca a imprensa brasileira empenhou-se tanto na cobertura de área médica. Diagnósticos e terapêuticas passaram a fazer parte do cotidiano dos jornais e, em poucas semanas, a maioria dos leitores havia assimilado mais informações sobre doenças, equipamentos e técnica cirúrgicas que em toda sua vida.

Diverticulite, cânulas, tubo traqueal, traqueostomia, infiltração intersticial, além de inúmeras famílias de bacterérias incorporaram-se ao vocabulário do homem brasileiro.

Não se pode negar que o cuidado e a dedicação dos profissionais de imprensa foram exemplares.

As matérias que tinham como função explicar a doença, suas causas e as formas de combater o mal receberam atenção especial. Não raro, assumiram um caráter enciclopédico e exibiram gráficos e ilustrações detalhadas.

Os médicos especialistas de todo o país foram caçados à unha pela imprensa e se constituíram na principal fonte de informações dos nossos periódicos.

A análise desta cobertura revela alguns dados interessantes:

1) Fica confirmado que, desde que haja um gancho jornalístico, é possível despertar o interesse do leitor para informações científicas. Nesse caso, ele as consumiu avidamente e utilizou-as nas discussões, análises e projeções sobre a recuperação ou não do Presidente.

Este fato demonstra que a ciência e a tecnologia, desde que integradas às preocupações dos leitores, podem se constituir em importante área de cobertura.

2) Os profissionais de imprensa, embora não sejam habitualmente especializados em medicina, conseguiram, com o apoio de especialistas, transmitir, com riqueza de detalhes e razoável precisão, volume considerável de informações médicas.

Com isso, fica patente que, desde que necessário, e desde que existam fontes de informação boas e acessíveis, os jornalistas elaboraram matérias especializadas com indiscutível competência.

3) As fontes de informação oficiais, sobretudo os médicos da equipe que cuidou do Presidente e que elaborou os boletins, caracterizaram-se pela ambigüidade e imprecisão, dificultando o trabalho dos jornalistas.

De qualquer forma, embora tenham adotado um tom compulsoriamente positivo e otimista, os boletins permitiam uma leitura nas entrelinhas, que muitos jornalistas não quiseram ou não souberam fazer. Pelo contrário, a imprensa incorporou o vocabulário impreciso utilizado para defender o estado do presidente.

Provavelmente, muitos leitores se confundiram com o verdadeiro sentido dos termos delicado, grave e crítico, e suas inúmeras gradações, utilizados à vontade nos boletins médicos e nas matérias dos jornais. Seria realmente significativa a diferença entre muito delicado, gravíssimo ou crítico?

Uma observação deve ser feita, ainda, sobre o comportamento da imprensa durante a cobertura.

A maioria dos jornalistas foi envolvida no clima emocional que se estabeleceu em todo o país e, às vezes, escreveram mais sobre o que gostariam estivesse acontecendo que sobre o que realmente estava ocorrendo.

Isso explica as chamadas e manchetes otimistas que se mostraram, em pouco tempo, completamente falsas. E nos faz entender, também, as explicações detalhadas sobre situações que jamais se confirmaram.

A conclusão geral que se tira da cobertura é, porém, no mínimo surrealista: os jornalistas, face à visão fragmentada que tinham do quadro geral do Presidente e das questões médicas, conseguiram descrever com detalhes cada novo fato (doença, técnicas, causas de alterações na saúde de Tancredo) mas jamais transmitiram aos leitores uma visão real do que estava ocorrendo. Alguns se especializaram em doenças que não chegaram a acometer o Presidente e a maioria não pôde, em nenhum momento, prever os fatos futuros.

Muitos jornais ficaram superados no caminho entre a redação e as máquinas e se tornaram inúteis, como meio de informação, quando nas bancas. Pior: desinformados, descobriram e cultivaram uma nova bactéria — a quichutis na imprensa — contraíndo uma terrível infecção, ainda não debelada: a advinhite. Deus queira isso tenha cura!